IX SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA
XXVII Semana de Iniciação Científica da URCA

04 a 08 de NOVEMBRO de 2024

Tema: "CIÊNCIA, TECNOLOGIA E AMBIENTE: MÚLTIPLOS SABERES E FAZERES"

ISSN 1983-8174

A ESCRITA DE LUTA E RESISTÊNCIA NA LITERATURA DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Anna Julita Batista Freire Agapto[1], Angélica Patricia Pontes da Silva[2]

Resumo: O presente trabalho investiga a presença e o impacto da mulher negra em meio a literatura brasileira, com foco em suas contribuições para a ressignificação de identidades e a luta contra as opressões raciais, econômicas e de gênero. A análise parte da precursora Carolina Maria de Jesus (1914 - 1977), uma mulher negra, pobre e sem educação formal. Com sua literatura de resistência e luta contra as desproporções sociais, foi a autora do célebre livro "Quarto de Despejo: Diário de uma favelada" (1960), cuja obra denunciou as condições de vida dos periféricos no Brasil. Por meio de seus escritos, Carolina construiu uma narrativa que deu voz aos excluídos, ao expor as dificuldades e contradições da pobreza urbana, sendo ela um testemunho essencial das circunstâncias vivenciadas na favela e uma maneira de resistência cultural e política, ao sistema de estrutura social que perpetua a miséria. A metodologia envolve uma pesquisa bibliográfica e análise de obras literárias e críticas, identificando temas recorrentes e discutindo a relevância de seus escritos no contexto histórico e global do Brasil da década de 1950 e 1960, até a contemporaneidade. Os textos da precursora abriram portas para que escritoras atuais, como Conceição Evaristo e Djamila Ribeiro pudessem ter um maior lugar de fala e visibilidade perante a sociedade; o que permite a continuação da batalha contra as injustiças e desigualdades. O estudo conclui que a literatura de Carolina de Jesus não só reflete suas experiências de vida, mas também contribui para a construção de um imaginário literário mais inclusivo com a quebra de estereótipos.

Palavras-chave: Literatura. Resistência. Negritude. Voz feminina.

1. Introdução

A literatura brasileira, historicamente, foi dominada por vozes masculinas e brancas, marginalizando as experiências e narrativas de mulheres negras. Neste cenário, tais figuras, que representam uma intersecção de opressões de raça e gênero, enfrentaram séculos de invisibilidade e silenciamento dentro da produção literária. Suas histórias ignoradas ou desvalorizadas por uma crítica literária tradicional que privilegiava autores que não discutiam a realidade no Brasil, esta que muito invalidava as sofridas vivências de uma parcela desprivilegiada da população.

No entanto, a partir do século XX, especialmente com a publicação de "Quarto de Despejo", a presença de autoras cujo objetivo era revelar o real cotidiano começou a ganhar espaço. Carolina Maria de Jesus, com sua obra principal,

1 Colégio Diocesano Conceito, email: agaptoju@gmail.com
2 Universidade Federal do Cariri, email: angelicapontes89@gmail.com

ISSN 1983-8174

expôs um relato autêntico da vida na favela do Canindé, São Paulo. Por meio de uma linguagem direta e simples, mesmo sem formação acadêmica, narra o cotidiano de uma mãe solteira, pobre e negra, que luta para sustentar e educar seus filhos em um ambiente de extrema carência material, social e cultural. "Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. Eu enfrento qualquer espécie de trabalho para mantê-los."(Jesus 2014:14). A sua literatura é marcada pela denúncia das injustiças sociais, como: a fome, a violência, miséria e o sexismo, e pelas reinvindicações de dignidade para as classes subalternas. Embora tenha enfrentado inúmeras barreiras devido à sua condição de vida, a escritora tornou-se uma referência de força, sobretudo para movimentos que lutam por igualdade e justiça.

Nesse contexto, o presente artigo analisa a obra como prisma de resistência e batalha em prol da quebra de estereótipos e o aumento da visibilidade daqueles que são esquecidos pela sociedade, demostrando como Carolina utilizou a escrita como forma de protesto contra as condições desumanas impostas aos marginalizados. "Os bons eu enalteço, os maus eu critico. Devo reservar as palavras suaves para os operários, para os mendigos, que são escravos da miséria"(Jesus 2014: 51). A importância de se revisitar tal obra reside no fato de que suas reflexões continuam atuais, especialmente em um Brasil onde a desigualdade social persiste de maneira alarmante. Olhar o passado com uma visão crítica, permite a reavaliação do presente para que um futuro menos conflitante possa emergir. A ascensão de literaturas com tais temáticas, trabalhadas por Carolina Maria de Jesus, são essenciais para romper com a cultura de carência e injustiças.

Na contemporaneidade, escritoras como Conceição Evaristo, Djamila Ribeiro, Jarid Arraes e outras continuam a desafiar essas desigualdades, colocando suas histórias e vivências no centro das narrativas, rompendo barreiras e desafiando a estrutura tradicional da literatura brasileira. Suas obras não só problematizam as questões de raça e gênero, mas também adentram em temas como resistência, ancestralidade e subjetividade. Este artigo se propõe a investigar a luta presente na literatura de Carolina e a forma como reflete nos combates sociais no âmbito nacional atual, destacando a importância de suas contribuições para a cultura literária e a luta por representatividade.

2. Objetivo

Este artigo tem como objetivo estudar a trajetória da voz da mulher negra na literatura brasileira, desde as primeiras manifestações da pioneira Carolina Maria de Jesus, com ênfase em "Quarto de Despejo", até as produções contemporâneas. Procura-se compreender como essa escritora lutou contra a desigualdade histórica, construindo uma escrita que, além de evidenciar as múltiplas formas de opressão enfrentadas por mulheres, crianças, negros e pobres também celebra suas histórias de resistência. A investigação busca

ISSN 1983-8174

entender como a autora utilizou seus textos para denunciar as precárias condições de vida na favela e ao mesmo tempo, fortalecer uma voz política para excluídos. Além disso, pretende-se demonstrar a relevância da obra no contexto da literatura nacional e contemporânea, reconhecendo-a como marco importante para a reformulação e ressignificação das identidades negras femininas para a sociedade em geral.

3. Metodologia

A metodologia utilizada neste estudo é de caráter bibliográfico e a abordagem teórica utilizada é a da literatura de testemunho. O estudo envolveu a leitura e análise de obras literárias da escritora Carolina de Jesus, principalmente seu primeiro livro e diários publicados postumamente. A análise foi complementada por leitura de artigos acadêmicos e livros que abordam a relação entre literatura, gênero e o foco social trabalhado pela autora. Foi feita uma escolha de escritoras que desempenharam papéis importantes na história da literatura negra feminina atual, como Conceição Evaristo, Djamila Ribeiro e Jarid Arraes para demonstrar como o pioneirismo de Carolina facilitou a ascensão essas figuras que lutam para mostrar as realidades cotidianas por grupos minoritários ou desprivilegiados. A pesquisa é realizada como uma maneira analítica para compreender como essas autoras articulam suas experiências pessoais e coletivas em seus escritos.

4. Resultados

As mulheres negras, embora historicamente marginalizadas no campo literário, sempre buscaram maneiras de narrar suas próprias histórias, mesmo quando a publicação formal de suas obras era negada. A primeira escritora afrodescendente do Brasil, Maria Firmina dos Reis, foi um exemplo de pioneirismo ao publicar o romance Úrsula em 1859, uma das primeiras obras a abordar criticamente a escravidão no Brasil.

Com a ascensão de Carolina Maria de Jesus, com sua obra "Quarto de Despejo", foi possível perceber uma ruptura importante nesse silenciamento. A partir de seu relato autobiográfico, Carolina evidenciou a realidade de extrema pobreza e exclusão social vivida por muitos brasileiros, especialmente mulheres negras e pobres. Sua escrita, direta e sem rodeios, contrastava com o estilo literário mais comum à época e trouxe para o centro da literatura brasileira a discussão sobre a desigualdade social e o racismo. "O branco diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? [...] Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém"(Jesus 2014: 55).

Foi uma das primeiras a demonstrar como a voz de uma afrodescendente desprovida de recursos econômicos poderia impactar a sociedade, revelando desigualdades que eram invisíveis aos olhos de muitos. Ao narrar a fome, a violência e o preconceito sofridos pelos favelados, ela expõe as falhas do Estado

ISSN 1983-8174

e da comunidade na proteção dos mais vulneráveis. Diante disso, percebe-se que sua escrita é um grito de resistência, uma tentativa de tornar visíveis aqueles que são sistematicamente excluídos da cidadania plena.

Um dos aspectos mais notáveis de sua obra é a maneira como Carolina, mesmo sendo uma escrita sem formação acadêmica, conseguiu construir uma narrativa complexa e sofisticada. O seu trabalho se insere na tradição da literatura de testemunho, uma vez que a autora não apenas registra sua própria experiência, mas também expôs as histórias dos outros moradores da favela. Assim, seus textos transformam-se em um espaço de perseverança contra o apagamento da memória coletiva dos marginalizados.

Ademais, outro ponto notório é o caráter feminista implícito na obra de Carolina Maria de Jesus. Embora não se identifique diretamente com o feminismo na época, seu livro evidencia a resistência das mulheres negras, mães solteiras e trabalhadoras, que lutam diariamente pela sobrevivência. Ela dá centralidade às figuras femininas em suas narrativas, mostrando suas batalhas diárias para garantir a subsistência de suas famílias e denunciar as estruturas patriarcais que as oprimem.

Recentemente, a produção literária tem experimentado um crescimento significativo, impulsionada, em parte, pela maior presença de autoras negras nas editoras e nos meios acadêmicos. Novos nomes vêm ganhando destaque na cena literária, a utilizando como ferramenta de conscientização e transformação social. Djamila Ribeiro, autora de ensaios sobre feminismo negro, e Jarid Arraes, com sua obra que resgata a história de mulheres que foram apagadas pela historiografia oficial, como o livro "Heroínas Negras Brasileiras". Conceição Evaristo, uma das mais importantes escritoras contemporâneas, utilizou o termo "escrevivência" para descrever sua escrita, que envolve ficção e memória pessoal, trazendo à tona as experiências de mulheres negras em contextos de opressão e resistência.

A produção dessas autoras, além de estender a tradição da literatura de resistência, cria novas escritas que permitem uma releitura da história do Brasil sob a perspectiva de quem sempre foi excluído das narrativas oficiais. É perceptível a contribuição cultural literária de Carolina Maria de Jesus, como pioneira e porta-voz dos combates às desigualdades da sociedade, que refletem no âmbito nacional atual.

5. Conclusão

A literatura de Carolina Maria de Jesus é um marco fundamental da resistência da negritude, feminina e periférica no Brasil. Através de sua escrita, não apenas deu voz às próprias vivências, mas também ecoou a voz de milhares de pessoas marginalizadas. Diante do exposto, é possível perceber que sua obra continua

ISSN 1983-8174

relevante, uma vez que impõe a comunidade a confrontar as desigualdades que ainda persistem no país. Carolina construiu uma narrativa de luta que transcende sua época e se mantém como uma das mais importantes contribuições à literatura brasileira contemporânea, ao deixar um legado de resistência que inspira gerações de leitores e movimentos sociais.

As mulheres negras na ciência das letras têm desempenhado um papel crucial na construção de novas narrativas que continuam a desafiar as estruturas racistas e patriarcais que tradicionalmente moldaram o campo literário. Carolina Maria de Jesus, Maria Firmina dos Reis, Conceição Evaristo são exemplos de como a escrita pode ser uma forma de luta e de afirmação identitária. O aumento da visibilidade dessas autoras é um reflexo de uma transformação maior na sociedade brasileira, que começa a reconhecer o valor e a importância de vozes historicamente hostilizadas.

6. Agradecimentos

Agradeço especialmente a minha mãe, meu papai, Luiza e Emanuel que muito me apoiaram e cederam seu tempo para desenvolver comigo o trabalho, estendo o agradecimento ao meu querido professor de literatura, Alan Umbelino e minha coordenadora de olimpíadas, Angélica Pontes.

7. Referências

ARRAES, Jarid. Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis. São Paulo: Pólen, 2017.

DAVIDSON, Luciana. Carolina Maria de Jesus: uma escrita de resistência. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

EVARISTO, Conceição. Ponciá Vicêncio. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

FIRMINA DOS REIS, Maria. Úrsula. São Luís: Edufma, 2004.

GONZALEZ, Lélia. Feminismo negro e a construção do pensamento feminista brasileiro. São Paulo: Sueli Carneiro, 2020.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? São Paulo: Letramento, 2017.